

Recebido em jan. 2009
Aprovado em mar. 2009

Kalagatos - REVISTA DE FILOSOFIA. FORTALEZA, CE, v. 6 n.11, INVERNO 2009

O CONCEITO DE FILOSOFIA SEGUNDO WITTGENSTEIN

LÉO PERUZZO JÚNIOR *

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a concepção de “filosofia” proposta por Ludwig Wittgenstein (1889-1951), aclamado por Ferrater Mora como o “gênio da desintegração”. É notável que sua obra, o *Tractatus Lógico-Philosophicus* (1922), tenha alcançado uma reputação internacional e assim influenciado toda uma geração de pensadores, cientistas e artistas, sobretudo nos países anglo-saxônicos e nórdicos. Seu pensamento e seus escritos, classificados muitas vezes como partes distintas de um mesmo conjunto, põe em causa a filosofia tradicional. A “doutrina do silêncio”, última proposição do *Tractatus*, indica um desmonte nos modelos tradicionais de se fazer filosofia.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia. Linguagem. Virada Lingüística. Epistemologia. Wittgenstein.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the concept of “philosophy” as proposed by Ludwig Wittgenstein (1889-1951), acclaimed by Ferrater Mora as the “genius of disintegration”. It is remarkable that his work, the *Tractatus Lógico-Philosophicus* (1922), has achieved international reputation and thus influenced an entire generation of thinkers, scientist and artists, especially in Anglo-Saxon and Nordic countries. His thought and his writings, often classified as different parts of the same set of works, questions traditional philosophy. The “doctrine of silence”, last of the *Tractatus's* propositions, shows a disaggregation of the traditional models for doing philosophy.

KEYWORDS

Philosophy. Language. Linguistic Turn. Epistemology. Wittgenstein.

* Professor do Curso de Filosofia do CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO – UNIFAE; da ESCOLA SÃO CARLOS BORROMEIO e da ESCOLA MADRE ANATÓLIA /Curitiba - PR. Mestrando em Filosofia na PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ - PUCPR.

PORQUE OS PROBLEMAS FILOSÓFICOS SURGEM
QUANDO A LINGUAGEM TEM UM MOMENTO DE FESTA.

(INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS 38)

DOS LIMITES DA LINGUAGEM AOS LIMITES DO PENSAMENTO

A filosofia a partir do século XIX sofreu um grande impacto epistemológico por meio da *virada lingüística (linguistic turn)*. Wittgenstein, em seu célebre *Tractatus Lógico-Philosophicus (1922)* impulsionou o campo da lógica e criticou a incapacidade da filosofia com suas anotações sobre os limites da linguagem e do pensamento. Sua preocupação não resultava de estabelecer um modelo para verificar qual era a relação direta da linguagem com os fatos, contando de criar condições para que as proposições possíveis possam ser pensadas claramente (VALLE, 2003, p. 34). Já no Prefácio do *Tractatus*, Wittgenstein aponta que o livro foi escrito para quem alguma vez já pensou por conta própria e, que a maioria de nossos problemas filosóficos reside no fato do mau uso da lógica de nossa linguagem.

A obra pretende traçar um limite para o pensar, ou melhor, como ele mesmo se refere, para a expressão dos pensamentos. Porém, traçar um limite no pensamento significa conhecer o que se pode pensar, e também o outro lado, aquilo que não se pode pensar. Mas, afinal, como é possível saber aquilo que não pode ser pensado? Este é o crime que a filosofia e muitos filósofos

cometem: extrapolar os limites da linguagem e formular teorias que pertencem ao campo das ciências naturais, originando pseudoproposições que carecem de sentido.

Contudo, como o limite do pensamento só pode ser traçado através da linguagem, e sabendo que a linguagem é exposta as imperfeições lógicas, o que acontece em filosofia não é a criação de novas teorias, mas o avanço de especulações filosóficas. Wittgenstein dirá que o que se deve fazer em filosofia não é criar novas teorias, mas clarear as já existentes (WITTGENSTEIN, 2001, p. 281).

A pretensão do filósofo insere-se no contexto da Viena do *fim do século*. A própria ciência da época buscava um método lógico de análise sobre as teorias científicas, buscando validá-las a partir de uma ferramenta lógica, i.e., sem a necessidade de uma verificação empírica. O trabalho de Wittgenstein está escrito por proposições enumeradas, que não podem ser lidas separadamente. Seu objetivo é mostrar que os problemas em filosofia acabaram, pois aplicando o método lógico que se encontra no *Tractatus* – não extrapolando os limites da linguagem – a filosofia possui a tarefa de decifrar os códigos existentes e separar aquilo que possui sentido, daquilo que é apenas um contra-senso.

O *Tractatus*, então, não aparece propondo uma teoria em filosofia, mas indicando um procedimento de aplicação no campo da construção de nossos pensamentos e na elaboração de nossos discursos e representações (REGUERA, 1980, p. 34). O abismo existente entre os objetos e aquilo que a linguagem representa constitui o primeiro fator de investigação

para que possamos fazer uso da linguagem. Entretanto, aquilo que não pode ser expresso claramente, fora dos limites dos fatos empíricos possíveis de constatação, deve obedecer à regra essencial: o silêncio.

O *Tractatus* se propunha, como tese central, que analisando a linguagem, se chegariam as proposições simples (atômicas) que poderiam ser verificadas através da experiência. E nesse sentido que os objetos do *Tractatus* são esgotados, ou seja, eles são traduzidos pela existência em termos singulares e possíveis através de um único sentido rígido (OLIVEIRA, 2006, p. 36).

O primeiro aforismo do *Tractatus* apresenta o mundo sendo constituído pela totalidade de fatos, e não de coisas. Os objetos apenas existem porque constituídos e encadeados pela seqüência lógica de que são pensados. É impossível pensar a constituição de um mundo senão pela organização dos fatos, pois, conforme ele mesmo afirma, não existe nenhum objeto fora da ligação com outros objetos. Como não se pode pensar objetos fora do tempo e do espaço, que são as categorias kantianas, também não se pode pensá-los fora de sua possibilidade de estarem ligados com outros (WITTGENSTEIN, 2001, p. 139).

Com isso, *os objetos contêm a possibilidade de todas as situações* (TLP 2.014). O mundo, por sua vez, constituídos pelos fatos, deve possuir uma substância para que se possa fazer uma figuração a seu respeito, pois, caso contrário, seria impossível construir uma proposição que pudesse dizer algo com sentido. *A figuração é um modelo da realidade* (TLP 2.12), pois os elementos que ela figura são os objetos presentes no

mundo. É dessa forma que uma proposição com sentido figura um modelo presente no mundo, e sua verdade ou falsidade serão possíveis de verificação.

O fato e a figuração devem ter algo em comum, idêntico, para que constituam uma proposição que diga algo com sentido e, por sua vez, possuam a possibilidade de verdade ou falsidade. Além disso, a figuração contém a possibilidade de poder afigurar toda a realidade, todos os fatos, a possibilidade da existência de n estados de coisas. A partir de tais afirmações, é possível estabelecer os primeiros problemas que surgem no tripé realidade-pensamento-linguagem.

A existência de algo idêntico entre o fato e sua figuração é a forma lógica. É ela quem determina a ligação possível entre o que ela afigura na realidade e como é representada a sua possibilidade de existência no espaço lógico. Assim, o que a própria figuração representa é seu sentido. *A concordância ou discordância de seu sentido com a realidade consiste sua verdade ou falsidade* (TLP 2.222).

Wittgenstein, a partir dessas noções passa a reconhecer o estatuto do pensamento como a figuração lógica dos fatos. *“O pensamento não pensa a coisa mas a combinação possível delas, construindo um estado de coisas simples, um fato atômico ou complexo”* (GIANNOTTI, 1995, p. 36). O estado de coisas é pensável quando pode ser figurado, pois é a própria condição do pensamento que contém a possibilidade de uma situação. A priori não existem figurações verdadeiras, pois a sua possibilidade de verificação depende inicialmente de sua correspondência com a realidade (PEARS, 1973, p. 78). Não é possível que o pensamento contradiga as leis

lógicas, mas também é um contra-senso que a figuração seja constituída fora do limite do mundo e dos fatos.

A hipótese que então resulta dos aforismos iniciais do *Tractatus* é a existência de um abismo ontológico entre o limite do pensamento e o limite do mundo, dos fatos. Porém, se as únicas coisas que pudéssemos falar devessem conter a possibilidade de figurar a realidade, e sendo que a linguagem é um complexo de emaranhados lingüísticos, o que ainda poderia ser expresso? Inicialmente estaríamos condenados ao silêncio, ou talvez, a uma reflexão mais profunda antes dos atos de construção de nossas proposições ou de nossa linguagem cotidiana.

UMA EPISTEMOLOGIA PRAGMÁTICA

Na década de 30, fase posterior ao *Tractatus*, Wittgenstein reconsidera os problemas tradicionais no âmbito da revolução pragmática da linguagem. Segundo Gargani, nas *Investigações Filosóficas*, o filósofo vienense realiza a dissolução da concepção lógica do *Tractatus* e dos seus resíduos teóricos que se encontravam na segunda fase filosófica (GARGANI, 1993, p.79-81). Entretanto, Von Wright entende que existe um afastamento entre o primeiro e o segundo Wittgenstein, sem por isso haver uma descontinuidade a partir do âmbito conceitual do *Tractatus* (VON WRIGHT, 1983, p. 53-54).

A relação entre a filosofia do *Tractatus* e aquela posterior (especialmente das *Investigações Filosóficas*), fazem emergir uma série de questões das quais não se podem inferir da estrutura da linguagem a estrutura do mundo.

Segundo Hübner,

O fulcro da filosofia de Wittgenstein é constituído pela linguagem, que reflete a sobriedade do seu modo de pensar. A teoria lingüística do Tratado, embora não se aplique à linguagem quotidiana, tornou Wittgenstein um dos pais espirituais do computador. Além disso, impulsionou o desenvolvimento da moderna teoria da ciência e exerceu uma grande influência na lingüística, particularmente na semântica (HÜBNER, 1990. p. 196).

Ao contrário da tradição do idealismo alemão, Wittgenstein compreende que a finalidade da filosofia não é elaborar doutrinas filosóficas, porém esclarecer as proposições da linguagem. Dessa forma, ao definir a filosofia enquanto método de elucidação das proposições, ele não a reconhece como teoria científica, porque na ciência as leis possuem a possibilidade de afigurar os fatos, algo que as asserções filosóficas não podem fazer. Somando-se a isso, toda proposição filosófica não tem a possibilidade de serem verdadeiras ou falsas, conseqüentemente, sendo considerados contra-sensos. Essas razões indicam porque a filosofia não pode ser considerada uma ciência entre as outras ciências naturais (TLP 4.003; 4.11; 4.112).

Wittgenstein, com a conclusão do *Tractatus*, pensava ter dito tudo o que era essencial, abandonando a filosofia e tornando-se professor em Trattenbach, uma pobre aldeia rural na fronteira da Baixa Áustria com a Estíria. No entanto, em 1929, Wittgenstein regressou a Cambridge com uma reformulação filosófica (os precedentes da passagem do modelo semântico ao

modelo pragmático). Segundo ele, a filosofia não é uma doutrina, mas sim uma atividade. A filosofia torna-se uma crítica da linguagem. Porém, a partir de então era possível perceber, conforme ele próprio apontava, alterações em aspectos fundamentais no seu novo método.

Assim, a lógica rigorosamente formal do Tratado passa para segundo plano e a filosofia torna-se para ele uma terapêutica, que visa desmascarar os problemas filosóficos como pseudoproblemas. Na sua concepção a linguagem não é uma criação do homem, mas sim parte integrante a forma de vida humana, que “existe como a própria vida”. Desenvolveu então a sua idéia dos “jogos de linguagem”, alguns dos quais se substituem continuamente uns aos outros, enquanto outros permanecem nos seus traços fundamentais como elementos básicos da forma de vida humana. Este pensamento inicial, que aponta para a lingüística, foi expresso nas *Philosophische Untersuchungen* (“Pesquisas Filosóficas”), publicadas postumamente (HÜBNER, 1990, p. 198).

A tarefa da filosofia, no *Tractatus*, justifica-se como um método descritivo do funcionamento da linguagem, ou ainda, como uma atividade crítica que tem por objeto determinar as condições de possibilidade das ciências. A filosofia, não como uma teoria, pretende limitar a fronteira daquilo que pode ser pensando (não limita o pensamento). Em outra passagem encontramos o seguinte:

O verdadeiro método da filosofia seria na verdade o de: não dizer senão o que se pode dizer, portanto proposições das ciências naturais – isto é, algo que

nada tenha a ver com a filosofia – e depois, sempre que uma outra pessoa quisesse dizer algo de metafísico, provar-lhe que a certos símbolos das suas proposições ela não tinha atribuído significado nenhum. (TLP 6.53).

A filosofia do *Tractatus*, segundo Margutti, é uma obra de iniciação ao silêncio, ou seja, o modelo lógico e o modelo ético indicam uma mudança radical em relação ao mundo. O *Tractatus* pode ser interpretado como uma obra de iniciação a contemplação mística silenciosa, por meio de um processo que implica duas escadas: uma lógica e outra ética (MARGUTTI PINTO, 2003, p.15). Por isso, a atividade metodológica da filosofia é o esclarecimento lógico do pensamento (TLP 4.112).

O retorno a partir da década de 30, através de uma nova visão, procura mostrar que os problemas filosóficos iniciam por falta de uma compreensão adequada da gramática das palavras da nossa linguagem ordinária (cotidiana). (IF 87).

Holguín, em *El método en Wittgenstein*, afirma que

Longe de eliminar a filosofia [...], Wittgenstein propõe uma nova concepção metodológica da mesma que se refere explicitamente a lógica dos conceitos, entendida como a elucidação de suas diversas funções em jogos concretos de linguagem¹. (HOLGUÍN, 2003, p. 138).

¹ Tradução própria. “Lejos de eliminar La filosofía (...), Wittgenstein propone una nueva concepción metodológica de la misma que se refiere explícitamente a la lógica de los conceptos, entendida como la elucidación de sus diversas funciones en juegos concretos de lenguaje” (HOLGUÍN, 2003, p. 138).

A filosofia, entendida como uma reflexão gramatical não pretende tocar no uso real da linguagem. Ao fixar os limites da linguagem, a filosofia determina os limites do conhecimento possível (VALLE, 2003, p.61). Contudo, enquanto método, também não pretende explicar ou fundamentar fatos apresentando uma teoria. Ela tem a função apenas de lançar luzes sobre os problemas que surgem dos mal-entendidos gramaticais da nossa linguagem.

A filosofia não deve, de modo algum, tocar no uso efetivo da linguagem; em último caso, pode apenas descrevê-lo. Pois também não pode fundamentá-lo. A filosofia deixa tudo como está. Deixa também a matemática como está, e nenhuma descoberta matemática pode fazê-la progredir. Um “problema central da lógica matemática” é para nós um problema de matemática como um outro qualquer. Não é tarefa da filosofia resolver a contradição por meio de uma descoberta lógico ou lógico-matemática. Mas tornar visível o estado da matemática que nos inquieta, o estado *anterior* à resolução da contradição. (e com isto não se elimina uma dificuldade). (IF 124 – 125).

Da mesma forma que o *Tractatus*, as *Investigações Filosóficas* concebem a filosofia como uma atividade descritiva do funcionamento da lógica da linguagem. Entretanto, no *Tractatus* a filosofia deveria delimitar os limites do dizível, mediante uma possibilidade lógica. Wittgenstein afirma que se quiséssemos expor teses em filosofia, nunca chegaríamos a uma discussão sobre elas, porque todos estariam sempre de acordo (IF 128).

REVIRAVOLTA LINGÜÍSTICO-PRAGMÁTICA NA FILOSOFIA

A reviravolta lingüístico-pragmática das *Investigações Filosóficas* torna caduco o ideal de exatidão da linguagem. A filosofia torna-se, por isso, uma prática entre outras práticas. A própria definição dada pelo filósofo vienense mergulha nos labirintos e nas fronteiras da linguagem (de ordem pragmática).

Poder-se-ia pensar: quando a filosofia fala do uso da palavra “filosofia”, deveria haver uma filosofia de segunda ordem. Mas isso não se dá; o caso corresponde ao da ortografia que também diz respeito à palavra “ortografia”, mas que nem por isso é uma palavra de segunda ordem. (IF 121).

O advento do reconhecimento da linguagem cotidiana está entrelaçado com a concepção de filosofia. A tradicional concepção idealista de filosofia é colocada sob investigação. A própria metafísica e as teorias em filosofia são questionadas pela falta de método e pela clareza conceitual. Wittgenstein afirma que os filósofos procuram apreender a essência da coisa, sem mesmo perguntar-se em qual língua esse palavra tem seu pano de fundo (IF 116).

Segundo Wittgenstein, a “perplexidade filosófica” é produzida quando nos deixamos capturar por certas armadilhas de nossa linguagem. Foi esse posicionamento que despertou Wittgenstein a buscar a simplificação e o esclarecimento desses emaranhados partindo da análise da linguagem ordinária. Os limites da linguagem passam a ser vistos independente de uma forma lógica isomorfa. Por sua vez, os significados surgem na diversidade do uso das expressões

lingüísticas. Aprender a significação de uma expressão é aprender a manusear com regras o discurso.

Esta nova etapa do pensamento de Wittgenstein não se declara preocupada em investigar a possibilidade de uma essência para a linguagem, ou para a proposição. O que possibilita, então, saber a exatidão do significado da linguagem é saber o uso e o funcionamento de regras que determinam saber utilizar o significado de uma palavra. *Desse primado do uso sobre o ser e sobre a verdade, se desenvolvem as idéias do último Wittgenstein, e principalmente a tese: não existe uma só linguagem, mas muitos tipos de linguagem* (D'AGOSTINI, 2003, p. 316). Por sua vez, cabe a filosofia libertar-se dos problemas filosóficos e sistematizar seus enunciados para que eles tenham seu uso efetivo e sejam portadores de significado.

Wittgenstein era pouco interessado aos detalhes dos sistemas filosóficos de seus predecessores. Ele se preocupava, ao invés, das raízes dos erros filosóficos, em particular das suas raízes gramaticais; e por 'gramática' não entendia simplesmente a sintaxe mas, toda as regras do uso das palavras, inclusive aquelas que fixam o seu significado. Por este motivo, começou fornecendo uma exposição articulada daquela concepção filosófica do ser humano que Wittgenstein entendia mostrar como ilusória. A primeira vista, essa parece natural e seduzente, mas ocorre estar em guarda: a coisa mais natural em filosofia é cair no erro² (HACKER, 1998, p. 25).

² Tradução própria. *“Wittgenstein era poco interessato ai dettagli dei sistemi filosofici dei suoi predecessori. Egli si preoccupava invece delle radici dell'errore filosofico, in particolare delle sue radici grammaticali; e per “grammatica” non intendeva semplicemente la sintassi ma, ma tutte le regole d'uso delle parole, [Continua]*

Esta ruptura epistemológica ocorrida no pensamento de Wittgenstein influenciou toda uma tradição filosófica, especialmente os filósofos analíticos ingleses. Posteriormente, a virada pragmática modificou o pensamento da corrente americana como Carnap, Quine, Goodman e Sellars (D'AGOSTINI, 2003, p.321). A análise da linguagem, então, possibilita uma nova compreensão sobre a sustentação do significado de acordo com as condições em que o enunciado é formulado. Em filosofia, segundo o Wittgenstein das Investigações, não deveríamos explicar, mas descrever, porque muitos dos problemas filosóficos surgem porque entendemos erroneamente a lógica de nossa linguagem (GRAYLING, 2002, p. 93).

Os limites da linguagem encontrados no *Tractatus* resolvem-se na medida em que aceitamos a posição reformadora da pragmática aos problemas do conhecimento. A terapia da linguagem apontada por Wittgenstein consiste em clarear as proposições lingüísticas das quais nos utilizamos para a expressão dos pensamentos. Contudo, a linguagem parece para nós ser a própria imagem do mundo. Mas falta alguma coisa nessa aparência que é o contexto lingüístico, os jogos de linguagem e as formas de vida.

Wittgenstein qualifica de “absurdo irritante” a idéia de que não se possa formular um juízo sobre isto ou aquilo por

[Continuação da Nota 2] *incluse quelle che fissano il loro significato. Per questo motivo, comincerò col fornire un'esposizione articolata di quella concezione filosofica dell'essere umano che Wittgenstein intendeva mostrare come illusoria. A prima vista, essa appare naturale e seducente, ma occorre stare in guardia: la cosa più naturale in filosofia è cadere in errore*” (HACKER, 1998, p. 25).

não haver aprendido filosofia: “Porque as pessoas agem como se a filosofia fosse uma ciência qualquer. E falam dela como falariam da medicina”. (...) Por que é necessário fazer filosofia, se o que justifica a intervenção dela é unicamente a existência de erros e ilusões que são filosóficos? Por que a terapêutica mais radical e mais eficaz não seria a que consiste em evitar, tanto quanto possível, qualquer espécie de contato com os problemas filosóficos e, portanto, com a própria filosofia? A resposta de Wittgenstein, bastante conhecida, é que realmente não temos escolha: em certo sentido, todos somos filósofos, bons ou maus, pelo simples fato de que falamos uma linguagem, vítimas reais ou potenciais da mitologia latente que está depositada em suas formas de expressão. (BOUVERESSE, 2005, pp. 170-171).

Portanto, a filosofia (os problemas filosóficos), segundo Wittgenstein, está ligada a formação inadequada de representações acerca do funcionamento e da natureza da linguagem. Bouveresse entende que o projeto de Wittgenstein compreende a filosofia como uma crítica da própria filosofia, ou seja, *que a filosofia como crítica da cultura deva investir justamente contra o que se supõe constituir a expressão mais consciente e mais crítica da cultura de uma época* (BOUVERESSE, 2005, p. 174).

Desta maneira, identificar o conceito de filosofia segundo Wittgenstein obriga-nos a reconhecer a crítica e o rompimento com os moldes tradicionais e a sua afirmação de que os problemas filosóficos surgem das perplexidades lingüísticas. Wittgenstein, por essa razão, indicará que o filósofo deve curar em si mesmo muitas doenças do entendimento, para assim chegar às idéias do entendimento humano gozando de boa saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUVERESSE, Jacques. **O futuro da filosofia: o filósofo entre os autófaços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

D'AGOSTINI, Franca. **Analíticos e Continentais. Guia à filosofia dos últimos trinta anos**. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

GARGANI, Aldo G. **Introduzione a Wittgenstein**. 5ª Ed. Roma-Bari: Laterza, 1993.

GRAYLING, A. C. **Wittgenstein**. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2002.

HACKER, P.M.S. **Wittgenstein**. Milano: Sansoni, 1998.

HOLGUÍN, Magdalena. El método en Wittgenstein. In: FLORES, Alfonso; HOLGUÍN, Magdalena; MELÉNDEZ, Raul (Orgs.). **Del espejo a las Herramientas**. Colômbia: Universidad Nacional da Colômbia, 2003.

HÜBNER, Haulf. Wittgenstein ou o fim da Filosofia. In: **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, 1(2):195-198, 1990.

MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. El Tractatus de Wittgenstein como obra de iniciación al silencio. In: FLORES, Alfonso; HOLGUÍN, Magdalena; MELÉNDEZ, Raul (Orgs.). **Del espejo a las Herramientas**. Colômbia: Universidad Nacional da Colômbia, 2003.

OLIVEIRA, Manfredo de. **Reviravolta Lingüístico-Pragmático na Filosofia Contemporânea**. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2006.

PEARS, David. **As idéias de Wittgenstein**. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1973.

REGUERA, Isidoro. **La miséria de la razón: el primer Wittgenstein**. Madrid: Taurus, 1980.

VALLE, Bortolo. **A forma do Silêncio e a forma da Palavra**. Curitiba: Champagnat, 2003.

VON WRIGHT, Georg Henrik. **Wittgenstein**. Tradução italiana de Alberto Emiliani. Bolonha: Il Mulino, 1983.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Lógico-Philosophicus**. 3ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.